



José Soares

Transparência

Quem ganhou e quem perdeu?

Pelos discursos a quente pela noite adentro das últimas eleições autárquicas, o povo de todo o país ouviu, boquiaberto, que todos cantavam vitória. Nenhum partido político se curvou, com humildade e respeito, aos resultados fatuais. O partido socialista, perdendo a sua jóia da coroa (Lisboa) só afirmava que ainda é o partido com maior número de autarquias no país. O partido social democrata, por sua vez, respirava fundo pelos pulmões de Rui Rio, que salvava o seu barquinho por mais alguns meses até à próxima convulsão partidária – leia-se convenção nacional. E afirmava vitória histórica ao ganhar mais algumas Câmaras. O bloco da esquerda envergonhada, deixou de afirmar-se força nacional. Reconheceu que ficara aquém, mas... poderia ter sido pior. Assim reduzido a partido vulgar e meramente urbano. O partido chega, gritou vitória estrondosa, enquanto os especialistas continuam a procurar onde...?

O partido comunista, com a sua velha guarda pretoriana a desaparecer, tentou desviar as atenções da derrota de alguns recantos simbólicos no Alentejo, com o discurso e ameaça de oposição cada vez mais forte ao governo. O PCP, com o disfarce CDU, é um velho animal em vias de extinção.

Quanto aos restantes partidos, pequenos ganhos aqui e ali, mas nada de

relevante no computo geral.

Nas Ilhas Açorianas, foi mais do mesmo. Vasco Cordeiro veio a terreiro repetir o discurso de António Costa: O PS continua com o maior número de autarquias.

Nem uma única palavra nacional sobre os dezanove municípios ganhos em todo o país por independentes. A cidadania progressiva está a ganhar terreno e essa sim, começa a ser muito interessante em Portugal. Os cidadãos tomam em suas mãos os poderes municipais e mais não fazem porque a “democrática” Constituição portuguesa não o permite. No entanto a nenhum político profissional interessou debater em público essa participação cívica.

Em todo este cenário eleitoral, houve, no entanto, uma vitória: A da Democracia. O Povo botou palavra e fez calar as sondagens mais sofisticadas (ou viciadas) que cantavam vitória do PS na capital do império. A arrogância mediática de Fernando Medina, que gozava de larga exposição enquanto comentador televisivo, caiu por terra. As suas ambições estão bem chamuscadas. Moedas não ganhou; Foi Medina que perdeu.

Afinal, o Povo é sábio!



Chrys Chrystello*

Banha de cobra¹

Houve eleições no fim de semana e todos ganharam. Nem uma só força política perdeu, todos ganharam...é bela a democracia em Portugal. Pena é que a abstenção não tivesse sido entrevistada pois elegeu 46% dos autarcas...isto fez-me lembrar um texto de fev^o 2011 e uma memória de tenros anos que aqui deixo para tirarem as devidas ilações.

Há dias (2010) em “zapping” vi um músico (licenciado em tecnologias de comunicação), tipo baladeiro dos anos 60, com ar respeitável à moda do século passado, e guitarra atiracolo, a cantar “sei que não apareço nos jornais” (<https://youtu.be/OLoRTpTphys>), Era tão patético este “romântico abandonado” que recordei uma cena há muito desaparecida do quotidiano. Quem cresceu no Porto recorda-se nos anos 50 e 60, aos domingos, na Praça do Marquês de Pombal, frente à Igreja. Por entre os idosos que jogavam às cartas (no vazio dos dias, a “bisca” ou “sueca”) surgiam camionetas vagamente reminiscências das caravanas do oeste bravio dos EUA.

Em vez de colonos temerosos dos índios (nativos americanos, como é politicamente correto chamar-lhes) havia um homenzinho de aspeto duvidoso, cheio de brilhantina, com um megafone (não havia microfones sem fios) a falar muito alto e a atrair os basbaques com o verdadeiro elixir da longa vida, a poção contra a calvície, e outras *mezinhas* que a medicina tradicional europeia nunca adotou.

Juntava-se sempre uma boa dúzia de pessoas, a ouvir as piadas e a arenga bem elaborada, até surgir um comprador ou comparsa. Sabemos hoje que a banha da cobra não serve para nada, mas a firmeza do homem empoleirado na carripana, com a bem estudada eloquência, persuadia todos com as mil e uma aplicações de remédios miraculosos contra impigens, mau-olhado, torcicolos, urticária, febre dos fenos, dor de dente, nervos, escleroses, artroses, entorses, diarreias, sarampo, escarlatina, espinhela caída, dores das cruzes, doenças do miolo, treçolho, verrugas, cravos e desmanchos, que tudo curavam com as propriedades da banha de cobra.

A verborreia oratória enleava as pessoas. Estão vívidos os pregões: “Não custa nem 20, nem 15, nem 10! Custa apenas 5, quem levar dois leva um totalmente de graça. Um para aquele senhor, outro para aquela menina.” Por vezes em elixir ou em pomada, o povo comprava os frasquinhos milagreiros e o vendedor da banha da cobra ia-se governando. Apregoava honestidade *mostrando* a licença camarária e não estar ali para enganar ninguém. O vendedor da banha da cobra existe há séculos, a origem é chinesa de óleo de cobra de água (*Enhydris chinensis*), para tratar dores nas articulações, mas

associado jocosamente por especialistas em criptografia para designar produtos que dão uma falsa sensação de segurança.

O óleo de cobra refere-se a falsos remédios vendidos nos EUA (séc. XIX) com a promessa de curar qualquer doença. Em tecnologia, o termo é usado para segurança absoluta e criptografia indecifrável, mas de qualidade questionável ou inverificável. Se a banha da cobra não cura, não consta que tenha advindo mal para a saúde pública. Não havia maleita onde o resultado não fosse prodigioso! Tudo e o seu contrário a famosa pomada resolvia. E para não restarem dúvidas os argumentos eram um primor de explicação: “É que bocencia tem uma dor de dentes, mas o dente não dói. O dente é corno, o corno é osso e o osso não dói, o que dói é o nervo.”

Gostava de estar convicto, mas não estou, que a maioria não acreditava minimamente naquilo, mas inexplicavelmente comprava! E a vida de vendedor de ilusões prosperava! Embora há muitos anos não ouça o pregão genuíno, não tenho dúvidas de que anda aí. Existe, progrediu, entre as turbas, dissimulado de pessoa de bem, empresário ou político. Agora, na era de globalização, talvez de colarinho branco e barba bem aparada para aparentar respeitabilidade, nos bancos falidos BES, BPN; Banif, etc. Pode ser verdade, tirou curso na Universidade Independente e entrou para o Governo. Mas do que me lembro, e me mesmerizava em tão tenra idade, era ouvir os vendedores de banha de cobra antes da missa dominical e depois almoçar na cantina da Igreja do lado esquerdo sob a cripta. Até hoje tenho a frustração enorme de ainda não me ter aparecido o vendedor de banha da cobra que me convencesse. Como devem ser felizes os que acreditam.

¹Criada no séc. I a.C., inspira-se na receita secreta de teriaga, medicamento complexo com 64 componentes. Acreditava-se que era antídoto para venenos. A carne de cobra era fervida muitas horas ou calcinada até ficar em pó, conservada em frascos, misturada com gordura, sob a forma de unguento. O grande número de componentes, a raridade de alguns, e o elevado preço, tornavam difícil o acesso. Passou a produzir-se outro, com menos componentes: bagas de louro, mirra, genciana, mel e aristolóquia, a teriaga dos pobres. Os que viviam em locais mais afastados, usavam alho para combater a peste e outras doenças, a teriaga dos camponeses.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)